



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UNICEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FASA
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO
DISCIPLINA: MONOGRAFIA
PROFESSORA ORIENTADORA: ANA PIMENTA
ÁREA: COMUNICAÇÃO SOCIAL

CAROLINA VERA CRUZ MAZZARO
RA: 20313800

**O ONZE DE SETEMBRO DE 2001 E A REPRESENTAÇÃO DO ISLÃ
NA REVISTA VEJA**

Brasília

Novembro de 2006

CAROLINA VERA CRUZ MAZZARO
RA: 20313800

O ONZE DE SETEMBRO DE 2001 E A REPRESENTAÇÃO DO ISLÃ
NA REVISTA *VEJA*

Trabalho apresentado à Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Brasília
Novembro de 2006

CAROLINA VERA CRUZ MAZZARO

O ONZE DE SETEMBRO DE 2001 E A REPRESENTAÇÃO DO ISLÃ
NA REVISTA VEJA

Dissertação defendida e aprovada como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, apresentada em 09 de novembro de 2006, pela banca examinadora constituída por:

Brasília, 09 de novembro de 2006.

Banca Examinadora

Professora Ana Cristina Cavalcanti Pimenta
Orientadora

Professor Severino Francisco da Silva Filho

Professor Vivaldo de Sousa

DEDICATÓRIA

À minha família que sempre acreditou na minha capacidade de crescer, me incentivou a dar valor a todas as oportunidades e deu força nos momentos que mais precisei.

Aos meus professores, por cada palavra dita, que serve de estímulo para minha vida.

AGRADECIMENTO

Agradeço à minha orientadora Ana Pimenta pela atenção e ajuda.

Obrigada também à minha orientadora de estágio, Adélia Paiva Azeredo, que me apoiou neste trabalho e deu oportunidades para que eu pudesse concluí-lo.

RESUMO

Este trabalho se constitui a partir de uma análise da revista *Veja* na cobertura dos atentados de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos, das matérias anteriores e posteriores ao ataque americano ao Afeganistão. Para isso, foi traçado um histórico da religião islâmica e das representações feitas dos muçulmanos pelo Ocidente, além de mostrar a globalização como fenômeno que dissemina idéias ocidentais pelo globo. Assim, será feito um estudo crítico a partir das reportagens analisadas, mostrando a perspectiva da *Veja* sobre o fundamentalismo, o Islã, o povo afegão, sobre os ataques americanos e as manifestações populares sobre o assunto. O trabalho permite constatar que o periódico teve uma visão tendenciosa sobre o assunto, dando ênfase às estratégias dos Estados Unidos para combater o “terror” e homogeneizando o Islã, porque não diferenciou o fundamentalismo islâmico da religião islâmica, além de não mostrar o contexto histórico com os motivos que fizeram o Islã ser uma religião heterogênea. Isso acabou promovendo uma guerra ideológica, não dando chance para ampliar a discussão sobre o fundamentalismo religioso. Ao falar do Afeganistão, a revista apenas mostrou sinais de atraso, violência e totalitarismo. O texto da *Veja* serviu mais como um meio de divulgar ideologias americanizadas do que para realmente informar sobre o assunto.

Palavras-chave:

Islã. Revista *Veja*. Muçulmano. Representação.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1. O MUNDO ISLÂMICO	9
1.1 A História	9
1.2 Xiitas e Sunitas	11
1.3 O Mundo Muçulmano Heterogêneo	12
1.4 O que é fundamentalismo?	15
1.5 Guerrilheiros x Terroristas	20
2. CALEIDOSCÓPIO DO ORIENTE	23
2.1 O Oriente inventado na história	23
2.2 Segunda Guerra e o Oriente	27
2.3 Ocidentalização e Orientalização do Mundo	28
2.4 Combate entre a Al Jazira e CNN	30
3. VEJA O ORIENTE	31
3.1 O terror da Veja	31
3.2 Bush e Veja combatem o terror	33
3.3 Veja em defesa dos Estados Unidos	37
CONCLUSÃO	39
REFERÊNCIAS	41

INTRODUÇÃO

O que você pensa quando ouve a palavra muçulmano? Guerras, terroristas, turbante, bombas, Bin Laden, aviões colidindo em prédios, mesquitas? O seguidor da fé islâmica foi representado de diversas maneiras ao longo da história, por escritores, pelos meios de comunicação. Depois dos atentados de 11 de setembro de 2001, nos Estados Unidos, a mídia veiculou diversas matérias sobre o fato e, por causa disso, é preciso analisar como os meios de comunicação representaram o muçulmano.

O presente trabalho analisa como se comportou a revista *Veja* diante deste episódio. Ela utilizou em suas matérias uma visão ocidental do Oriente? Levou em consideração nos seus textos o contexto histórico-cultural dos países muçulmanos? Houve uma criação estereotipada do muçulmano, homogeneizando este sujeito social? Os textos utilizaram palavras que adjetivam práticas religiosas e ao mesmo tempo as identificam, desprovindo-as de critérios de terroristas? Foram imparciais nas suas matérias?

Para responder essas questões, o trabalho apresenta um breve histórico do surgimento da religião islâmica, de suas ramificações e do surgimento do fundamentalismo religioso. As pressões para uma uniformização cultural e a defesa das minorias para manter sua cultura e identidade também vão ser vistos no capítulo intitulado “O Mundo Islâmico”.

Já o segundo capítulo, “Caleidoscópio do Oriente”, aborda como as representações do oriental foram construídas e reconstruídas ao longo da história entre o Oriente e o Ocidente, além da contribuição do avanço do capitalismo e dos meios eletrônicos de comunicação para aumentar um processo de ocidentalização do mundo e de criação e veiculação de idéias ocidentais. Será analisado também, como a orientalização recebe contribuição da mídia, fazendo com que grupos dispersos dialoguem entre si e mantenham vínculos com sua origem e cultura.

O último capítulo faz uma análise das matérias publicadas na revista *Veja*, explicando como foi a abordagem da revista no período após os atentados de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos. Vamos observar se a revista foi tendenciosa na cobertura da guerra no Afeganistão, além de verificar como a revista

trata a imagem do muçulmano e se sua abordagem revela o Oriente apenas como um lugar de atraso, violento, permeado pelo fanatismo religioso, sem respeitar suas diferenças culturais.

Neste trabalho será utilizado o método da análise do conteúdo, que segundo Fonseca Jr. (2005), na pesquisa em comunicação de massa, ocupa-se com a análise de mensagem. Assim, será utilizada a técnica da análise associativa, que considera mais importante como os personagens, certas palavras e temas que aparecem nas mensagens, estão organizados entre si, ou seja: o que está associado a quê para criar um sentido desejado.

A revista *Veja* foi escolhida por ser o maior semanário do país, com tiragem de cerca de um milhão de exemplares. A escolha do *corpus* da pesquisa foi feita através da característica da homogeneidade. Foram utilizadas as edições que tratavam do tema dos atentados do dia 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos, antes e após os ataques ao Afeganistão, dos dias 19 de setembro, 26 de setembro, 3 de outubro, 10 de outubro e 17 de outubro de 2001.

1. O MUNDO ISLÂMICO

O mundo muçulmano abrange, nos dias de hoje, cerca de 1,3 bilhão de seres humanos. Este capítulo vai tratar um pouco da história deste mundo, para proporcionar uma idéia geral da civilização do islã e tornar compreensível como a religião foi dividida e o porquê de parcelas desse mundo vêm se radicalizando e misturando religião e política.

1.1 A História

O islã¹ foi fundado no século VII pelo profeta Maomé (570-632 d.C), na Península Árabe. A crença, monoteísta, é praticada de diversas maneiras, seja na política, na vida social, financeira, militar ou interpessoal. (DEMANT, 2004).

Aos quarenta anos, Maomé começaria a ter visões e ouvir vozes, que acreditou serem de origem divina, do arcanjo Gabriel. O mesmo teria aparecido para revelar a palavra de Deus (Alá). Ao acreditar ser "o escolhido", Maomé assumiu o papel de profeta. (DEMANT, 2004).

No início, as revelações diziam a Maomé para pregar e converter seus compatriotas e depois passaram a guiá-lo como organizador de uma comunidade de crentes. (DEMANT, 2004). O Alcorão (Corão) era onde Maomé escrevia essas mensagens que recebia de Deus. Porém, o livro só teria sua versão definitiva trinta anos depois de sua morte, época em que, segundo Peter Demant (2004, p. 26),

[...] a expansão vertiginosa da nova religião – e as dissidências que já se desenhavam em seu seio – passou a exigir a redação de um texto consensual (hoje, todos os muçulmanos aceitam essencialmente a mesma versão do Alcorão, apesar de as divergências na sua interpretação).

¹ Palavra que significa submissão à vontade de Deus. DEMANT, Peter. *O Mundo Muçulmano*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 392

Maomé tinha poucos ouvintes no começo de suas tentativas de conversão, mas, mesmo assim, fez a elite comercial de Meca, atual Arábia Saudita, se irritar, pois a renda do turismo religioso era ameaçada pela insistência do profeta em acabar com as imagens dos deuses politeístas. (DEMANT, 2004). Assim, teve que fugir com os seguidores para outra cidade onde fossem melhor recebidos. Pararam em Iatreb, então denominada al-Medina, situada a 300 quilômetros ao norte de Meca. Essa fuga é conhecida como *hijra*² e marca o início do calendário muçulmano. (DEMANT, 2004).

Em Medina o profeta teve que enfrentar opositores, o que resultou em lutas. Peter Demant fala que:

com o tempo, os seguidores de Maomé, os *muslimin* (submetidos, origem da palavra muçulmanos) impuseram sua superioridade militar. O profeta pôde então reorganizar Medina como a primeira comunidade a viver sob as leis muçulmanas. [...] Os derrotados foram expulsos, exterminados ou convertidos, enquanto novos fiéis se comprometeram a realizar uma guerra de expansão do islã. (DEMANT, 2004, p.26).

O poder crescente de Maomé fez com que tribos se aliassem a ele e aceitassem a nova fé. O pregador, transformado em líder político e militar, volta a Meca com a derrota dos coraixitas, um dos clãs mais poderosos de Meca, pelos muçulmanos.

Maomé acabou com todas as deidades pagãs de Caaba, um santuário em forma de cubo no centro de Meca, e pouco antes de morrer, fez uma peregrinação para essa cidade, lugar que seria, desde então, dedicado ao Deus único. (DEMANT, 2004). Ao falecer, em 632 d.C., a maior parte da Arábia central e o Hijaz, na Arábia setentrional, estavam dominados pelos muçulmanos. Porém, Maomé não deixou filho homem ou qualquer indicação de quem o sucederia, o que causou tensão entre duas tendências, entre os xiitas e sunitas. De acordo com Demant,

² Migração. DEMANT, Peter. *O Mundo Muçulmano*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 392

A primeira, minoritária, preferia reservar essa honra da linhagem profética à própria família do Profeta – seu pretendente era Ali ibn Abi Talib, genro de Maomé, casado com sua filha Fátima. Na opinião da segunda tendência, porém, qualquer fiel poderia ser um candidato adequado, desde que fosse consensualmente aceito pela comunidade. (2004, p.38).

1.2 Xiitas e Sunitas

Os dois grupos que disputaram o domínio do Islã se diferem pela aceitação à seqüência de califas, que são os representantes de Maomé após sua morte, e combinam funções religiosa e política na mesma pessoa. (DEMANT,2004).

O grupo minoritário citado por Demant corresponde aos xiitas, que surgiram como um movimento de apoio a Ali ibn Abi Talib para ser o sucessor do profeta. Os sunitas, por sua vez, acreditavam em um fiel escolhido pelo consenso das comunidades para suceder Maomé. (DEMANT, 2004)

Assim, após a morte do Profeta, o consenso elegeu como o primeiro califa Abu Bakr. Em 634, ele foi sucedido por Umar ibn al-Kahattab, “que conquistou vastas áreas fora da península, principalmente o Império Bizantino: Egito, Síria, Palestina, Mesopotâmia e partes do Cáucaso [...]”. (DEMANT, 2004, p.38). O terceiro califa foi Uthman ubn Affan (644-656).

Quando Ali ibn Abi Talib assumiu o califado em 656, após uma disputa com o governador da Síria, a expansão e exploração de territórios ocupados pelo islã já tinha feito com que as riquezas ficassem concentradas nas mãos dos clãs árabes mais favorecidos. “As diferenças de renda se tornaram cada vez mais marcantes e a competição pelo controle do espólio se acirrou” (DEMANT, 2004, p.38). Ali não conseguiu impor sua autoridade, que era contestada por um pretendente ao califado, Umawiyyma, o qual pertencia a um ramo dos coraixitas.

O líder foi assassinado em 661. Quem ficou em seu lugar foi Mu’awiyya, escolhido pelo ramo sunita, que era considerado um usurpador pelos seguidores de Ali, os quais acabaram formando o partido *shi’a* (xia), de onde surgem os xiitas. (DEMANT, 2004). Mu’awiyya fundou a primeira dinastia califal, a dos

Omíadas, que foi um período de transição de uma comunidade religiosa para um Estado centralizado. (DEMANT, 2004).

O filho mais velho de Ali, Hassan, neto de Maomé, vendeu a sua resignação para Mu'awiyya em troca de uma promessa de futura assunção, mas a promessa que lhe foi feita acabou sendo traída e foi assassinado por Mu'awiyya em 669. (DEMANT, 2004). Porém, os xiitas depositavam sua esperança no segundo filho de Ali, Hussein, que liderou uma rebelião quando o filho de Mu'awiyya, Yazid, sucedeu seu posto. Mas a minoria xiita foi derrotada em Kerbala (ou Karbala), no Iraque, e Hussein foi decapitado. (DEMANT, 2004).

A xia não foi erradicada,

mas se desenvolveu em seita opositora, com suas próprias tradições – glorificando o sacrifício (supostamente voluntário) de Hussein, contestando a legitimidade dos califas e conspirando em vão para a restauração do descendente de Ali, o Imã³. (DEMANT, 2004, p. 40).

1.3 O Mundo Muçulmano Heterogêneo

A dinastia omíada, fundada pelo califa Mu'awiyya, tinha opositores, como os xiitas e os convertidos ao Islã (os mawali), que estavam insatisfeitos com a condição na qual eram tratados.

Havia divisões tribais entre os muçulmanos árabes, alguns queriam se estabelecer e se integrar com os povos dominados, enquanto outros queriam continuar as velhas guerras expansionistas. Mas o sentimento islâmico difundira-se de tal maneira que as diversas revoltas e sublevações quase sempre adotavam uma ideologia religiosa. (ARMSTRONG, 2001, p.97).

³ Título do líder da comunidade muçulmana na tradição xiita. DEMANT, Peter. *O Mundo Muçulmano*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 392

Os mawali se revoltam e acabam com o império omíada sob a liderança de Abu al-Abbas. (DEMANT, 2004). A nova dinastia, abássica, colocou um membro da família de Maomé no trono, o tio do profeta, Abbas, e o filho deste, Abdalha.

Os abássidas herdaram todo o território dos omíadas e estavam determinados a transformar o califado em uma monarquia após terem conseguido apoio ao se apresentarem à maneira xiita. (DEMANT, 2004).

O primeiro califa abássida, Abu al-Abbas al-Saffah, massacrou muitos omíadas, e o seu sucessor matou todos os líderes xiitas que considerava ser uma ameaça para seu governo. Apesar disso, foi uma dinastia que igualou os direitos de todos os muçulmanos árabes e não-árabes. O califado também conseguiu estabelecer uma época de paz interna. Esses fatores contribuíram para a aceitação do império que nos dois primeiros séculos teve prosperidade e florescimento cultural. (DEMANT, 2004).

De acordo com Peter Demant (2004, p.43),

é nessa época que parecem ter-se acelerado dois processos paralelos, que se combinaram para gerar o Oriente Médio em seus moldes demográficos atuais: a arabização e a islamização, movimentos contínuos durante séculos, mas graduais e nunca completos.

Nesse período, houve uma grande expansão da língua árabe - que se mantém até hoje como língua sagrada para os muçulmanos – através da disseminação da religião e dos acampamentos formados depois das conquistas. (DEMANT, 2004). Esse processo de expansão continuou e continua através da história. Como resultado da arabização contínua, o mundo árabe ocupa uma vasta área nos dias atuais, que vai da África do Norte, do sudoeste da Ásia, do Oceano Atlântico até o Golfo Pérsico e das fronteiras turca e iraniana até o Sudão. (DEMANT, 2004).

Porém, os processos de assimilação não penetraram em todos os lugares, deixando de fora algumas minorias:

[...] o relacionamento das minorias com a maioria árabe-muçulmana tem sido complicado até hoje, resultado de pressões, intermitentes e desiguais, impostas pelos sucessivos regimes muçulmanos. Pressões para a uniformização cultural sempre existiram. Entretanto, os reinos muçulmanos nunca dispuseram dos recursos (nem do impulso ideológico) que a Espanha, a França ou a Inglaterra forjaram na Idade Moderna com essa finalidade [...] Como resultado, o mundo muçulmano é heterogêneo. (DEMANT, 2004, p.44).

Pressões para a uniformização cultural não vêm apenas de dentro do mundo muçulmano, como as impostas pelos regimes. A tentativa de homogeneização da cultura através da globalização também causa reações nesse mundo muçulmano heterogêneo e em outras sociedades. Para Roger Silverstone (2002), as minorias, deslocadas recentemente ou menos recentemente, procuram defender não apenas o direito de existir materialmente mas o direito de manter sua própria cultura, sua própria identidade.

O desenvolvimento da sociedade ocidental resultou na revolução industrial no século XIX. O Ocidente para manter o ritmo de crescimento, percebeu que era preciso aumentar o número de compradores para os bens produzidos em massa, fazendo surgir novos mercados e, uma vez que esses fossem saturados nos países de origem, tinham que ser procurados no estrangeiro. (ARMSTRONG, 2001). Assim, “os Estados Ocidentais começaram, de diversas maneiras, a colonizar os países agrários fora da Europa moderna e atraí-los para sua rede comercial”. (ARMSTRONG, 2001, p.196). O país colonizado fornecia matérias-primas para serem exportadas e em troca recebia mercadorias ocidentais manufaturadas, baratas, fazendo com que a indústria local ficasse destruída. (ARMSTRONG, 2001, p. 196).

À medida que as culturas nacionais tornam-se mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que se tornem enfraquecidas com a infiltração cultural. (HALL, 2003). Dentro do discurso do consumismo, as diferenças e as distinções culturais ficam reduzidas a uma espécie de língua internacional, fazendo com que todas as tradições específicas e todas as diferentes identidades sejam traduzidas. (HALL, 2003). Se a vida social é cada vez mais mediada pelo mercado global de estilos, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, “mais as *identidades* se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e

tradições específicos e parecem “flutuar livremente”. (HALL, 2003, p.75, grifo do autor).

Para Silverstone (2002), essa política global em que as minorias procuram defender sua cultura e identidade pode ter, e teve, conseqüências benignas e malignas.

As sociedades atingidas pela expansão ocidental tiveram que escolher entre descartar a tradição e se agarrar à ocidentalização ou, segundo Demant (2004, p. 199), “rejeitar a modernização ocidental e abraçar a própria tradição mais fortemente”, momento chamado de fundamentalismo. Cada sociedade fez isso de maneiras diferentes, em função tanto do grau de vitalidade da própria cultura quanto do tipo de colonização que sofreu. (DEMANT, 2004, p. 199).

1.4 O que é fundamentalismo?

Para Karen Armstrong (2001, p. 220), o fundamentalismo não é um fenômeno apenas islâmico, “é um fato global e em toda religião importante tem surgido como resposta aos problemas da modernidade”.

O fundamentalismo surgiu como um movimento religioso dentro do protestantismo norte-americano, no final do século XIX, e hoje é um termo usado também para movimentos parecidos em outras religiões. (DEMANT, 2004). Karen Armstrong (2001) acredita que ele nasce com a tentativa frustrada de aliar as crenças religiosas com a cultura moderna, pois todo e qualquer movimento fundamentalista que estudou,

está convencido de que o sistema secular está determinado a eliminar a religião [...] Onde quer que a modernidade se fixe, o provável é que um movimento fundamentalista surja junto a ela como uma reação consciente. (ARMSTRONG, 2001, p. 221).

Paralelamente ao Iluminismo e à Revolução Francesa, a Revolução Industrial trouxe mudanças na estrutura social e também cientistas que desmentiram a narrativa bíblica. (DEMANT, 2004). Portanto, nessa época, “a fé, que por séculos sustentaram os seres humanos, dera sentido à sua existência e os ajudara a superar os golpes do destino, estava perdendo sua credibilidade [...]”. (DEMANT, 2004, p. 196). Assim, o fundamentalismo que surgiu nos Estados Unidos foi um apelo para a volta dos fundamentos da fé cristã diluídos pelo modernismo. (DEMANT, 2004). O objetivo deles era manter:

[...] a veracidade absoluta da Bíblia, que deve ser entendida literalmente; a necessidade de conduzir uma vida virtuosa, com rezas e rituais regulares, rejeitando as tentações e a permissividade associadas à grande cidade e enfatizando valores familiares; uma reafirmação de dogmas tais como a volta de Jesus Cristo e o último julgamento; um compromisso com um estilo de vida frugal, modesto e trabalhador. (DEMANT, 2004, p. 197).

Os fundamentalistas se posicionaram entre o isolamento e uma atitude mais ou menos agressiva e se dividiram em inúmeras seitas rivais. “O que todos os fundamentalistas compartilhavam, entretanto, era a recusa ao secularismo.” (DEMANT, 2004, p. 198).

No mundo colonizado e influenciado pelo Ocidente, não-europeu, a modernização chegou mais tarde, “mas de maneira mais rápida e brutal”. (DEMANT, 2004, p. 198). Por isso, o fundamentalismo só começa a surgir no mundo muçulmano em 1929, no Egito, com a Irmandade Muçulmana, que tinha uma característica social. Em sua origem o fundamentalismo islâmico não era terrorista, mas um movimento que aconselhava o respeito aos fundamentos do Corão. (ARBEX, 1997).

A Irmandade, apesar de oferecer resistência armada ao colonizador britânico - para reconstruir sua identidade nacional com base nos fundamentos islâmicos, se opondo aos valores tanto políticos quanto culturais do colonizador - desenvolvia campanhas de assistência médica e alfabetização para a população pobre do Egito. Os fundamentalistas da Irmandade Muçulmana foram perseguidos pelos reis Egípcios que eram considerados fantoches de Londres. (ARBEX, 1997).

Então, a Irmandade foi empurrada à radicalização e ao terrorismo quando a restauração da República, em 1953, pelo líder nacionalista Gamal Abdel Nasser visava a implementação de um Estado moderno, com traços ocidentais, que não se encaixava na visão religiosa e tradicional dos fundamentalistas. (ARBEX, 1997). A Irmandade continuou a ser perseguida e reprimida após uma tentativa de assassinato de Nasser, que acabou executando alguns líderes e encarcerou outros, entre eles Sayyid Qutb, que veremos a seguir. Assim, foi entre 1950 e 60 que o fundamentalismo violento surgiu no mundo muçulmano. (DEMANT, 2004).

Entre os sunitas, a ideologia fundamentalista começou com o paquistanês Abu al-Ala Mawdudi e com o egípcio Sayyid Qutb e, entre o xiitas, com o aiatolá iraniano Ruhollah Khomeini. (DEMANT, 2004).

Mawdudi (1903-1979), o fundador do Jamaat-i Islami, desenvolveu cinco princípios nos anos 40 e 50, os quais Qutb concordava: a antiapologia, o antiocidentalismo, o literalismo, a politização e o universalismo. Suas idéias influenciaram outros movimentos islamistas, como o Talibã e Al-Qaeda. “Ele considerava que o grande poder do Ocidente estava reunindo forças para esmagar o Islã”. (ARMSTRONG, 2001, p. 224). Mawdudi propôs uma teologia da libertação islâmica, uma vez que para eles somente Deus era soberano e ninguém era obrigado a receber ordens de outro humano. Portanto, consideravam que a revolução contra as potências coloniais era não só um direito, mas um dever. (ARMSTRONG, 2001). Assim, ele pediu aos fiéis uma *Jihad*⁴ universal para evitar o aniquilamento cultural e religioso. De acordo com Demant (2004, p. 36),

o islã implicava, desde o começo e até hoje, tanto para o indivíduo quanto para a comunidade, assumir um compromisso total – para reger a própria vida nos moldes prescritos por Deus, para imbuir a sociedade com a letra e o espírito da lei divina e para propagar a verdadeira religião no mundo inteiro.

Portanto, o conceito de *jihad* pode tanto apontar para a transformação interior para corrigir maus hábitos, que seria o primeiro significado

⁴ Luta em favor de Deus. DEMANT, Peter. *O Mundo Muçulmano*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 392

usado no Alcorão (Corão), quanto para a guerra de conversão dos infiéis. (DEMANT, 2004).

Qutb (1906-1966) entrou no movimento islamista Irmandade Muçulmana após sair de uma experiência nos Estados Unidos. Tornou-se ativista, foi preso, como visto acima, e virou um pensador extremista.

Ele foi influenciado pelas idéias de Mawdudi e acabou indo além disso. Adotou uma forma de islamismo que distorcia a mensagem do Corão e a vida de Maomé, aplicando o conceito de *jihad* à própria sociedade muçulmana. (DEMANT, 2004). Isso aconteceu após refletir que o mundo estava novamente numa *jahiliyya*, ou seja, na idade da ignorância. Este era um termo usado para descrever o período pré-islâmico na Arábia, mas é usado hoje pelos fundamentalistas muçulmanos para se referir a qualquer sociedade, até mesmo muçulmana, que tenha virado as costas para Deus e que não quer se submeter à soberania Dele. (DEMANT, 2004).

Suas idéias influenciaram, também, alguns movimentos e regimes islamistas, como o regime de Turabi no Sudão, Wal-Hijra no Egito, o movimento Irmandade Muçulmana na Síria e Palestina, além do Hamas. (DEMANT, 2004).

A ideologia fundamentalista no xiismo começou com o iraniano Ruhollah Khomeini (1902-1989). Durante os anos 60 levou o povo iraniano às ruas para protestar contra as medidas políticas do xá⁵ Muhammad Reza, que lançou a Revolução Branca, uma tentativa de modernização imposta. (DEMANT, 2004). Khomeini identificava Reza com Yazid, o califa omíada responsável pela morte de Hussein, em Kerbala, no Iraque, exemplo de governante injusto no Islã xiita. (ARMSTRONG, 2001). Em 1963, surgiu uma grande revolta quando foram apresentados planos de emancipar a mulher e permitir que não-muçulmanos participassem da administração. (DEMANT, 2004). Assim, segundo Armstrong (2001, p. 229),

os muçulmanos tinham o dever de lutar contra essa tirania, e o povo em massa, que não se sentiria tocado por um apelo socialista à revolução, poderia responder aos chamados de Khomeini, que encontravam eco nas tradições populares mais profundas.

⁵ Título real. Imperador da Pérsia, atual Irã. DEMANT, Peter. *O Mundo Muçulmano*. São Paulo: Contexto, 2004.

A repressão foi sangrenta e Khomeini foi preso e ficou exilado em Najaf, no Iraque, de 1966 até 1979. Com a ajuda dos Estados Unidos, o xá sobreviveu por mais quinze anos. Porém, segundo Demant (2004, p. 229), “a oposição ficou dividida, mas a base social do regime se restringiu aos poucos, até que finalmente quase a totalidade da população estava na oposição”, contra o xá. Isso aconteceu porque o processo de modernização imposto por Muhammad Reza marginalizou e exarcebou as divisões na sociedade iraniana, beneficiou apenas uma pequena camada de burgueses e aristocratas proprietários, e empurrou milhões de camponeses para as cidades superlotadas. Assim, “nem a riqueza petrolífera nem uma ideologia neo-imperialista e artificial adiantaram ao xá quando a revolução muçulmana eclodiu em 1978”. (DEMANT, 2004, p. 229).

Segundo o autor, a Revolução Iraniana (1978-1979) é a única revolução islâmica dos tempos modernos que derrubou um regime secularista e levou ao poder um islamista pela vontade política da maioria do povo. Mas a visão de Khomeini, como a dos outros fundamentalistas, era distorcida. Os anos de 1979 a 1983 constituem a fase mais radical terrorista da revolução. (DEMANT, 2004). “Na visão doravante de Khomeini, a intoxicação provocada pelas idéias ocidentais apresentavam o maior perigo ao Irã”. (DEMANT, 2004, p. 235). Ele inventou o neologismo “ocidentoxicação” e declarou que aquela era uma praga que deveria ser extirpada. (DEMANT, 2004).

Em 1979, o grupo extremista dos Alunos da Linha do Imã ocupou a embaixada norte-americana em Teerã. A captura dos reféns americanos viola claros mandamentos do Corão sobre o cuidado com prisioneiros, que devem ser tratados com dignidade e respeito e ganhar a liberdade o mais rápido possível. (ARMSTRONG, 2001).

Um dos últimos atos de Khomeini foi, em 1989, pedir o julgamento religioso e a morte do escritor indiano-inglês muçulmano Salman Rushdie, autor do livro *Versos Satânicos*, considerado uma blasfêmia por Khomeini. Apesar de Rushdie ser cidadão britânico e estar fora do Estado iraniano, Khomeini avaliou que

a xaria⁶ tinha alcance universal para todos os muçulmanos onde quer que estivessem. (DEMANT, 2004).

Quando Khomeini morreu, “o Irã havia se tornado um Estado pátria, isolado, acusado de abrigar e incitar terroristas e inspirava medo e repugnância mais do que simpatia e imitação”. (DEMANT, 2004, p. 238).

Outro fato, além da vitória de Khomeini no Irã, que agitou o mundo islâmico foi a invasão do Afeganistão pela União Soviética em dezembro de 1979. (ARBEX, 1997). A maioria da população sentiu a invasão como uma ameaça a sua religião de fé muçulmana, o que fez surgir vários grupos guerrilheiros, que se auto-intitularam mudjahedin, ou seja, “guerreiros de Deus”, que proclamaram a Guerra Santa contra o inimigo. (ARBEX, 1997). A Revolução Iraniana junto a essa resistência dos mudjahedin fez com que a Jihad ganhasse apoio da população muçulmana de todo o mundo. “Os xiitas de Khomeini organizaram vários atentados em nome de Deus e ajudaram a construir, no sul do Líbano, o grupo Hezbollah”. (ARBEX, 1997, p. 91). Esse grupo está comprometido com a idéia do Estado Islâmico.

1.5 Guerrilheiros x Terroristas

O terrorismo tem uma longa história e não é um ato praticado apenas pelos orientais. Até os anos 20, o terrorismo era um fenômeno de dimensões relativamente pequenas e restritas, ele começou a ganhar abrangência e importância com o surgimento dos regimes totalitários de Josef Stálin e Adolf Hitler entre o final dos anos 20 e os anos 40. (ARBEX, 1997). O terrorismo é o uso da violência com objetivos políticos contra civis ou militares, que segundo Arbex (1997, p. 80),

⁶ Código Legal Islâmico que estabelece as regras que governam todos os aspectos da vida. DEMANT, Peter. *O Mundo Muçulmano*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 396

não estão em operação de guerra. Há muitas formas de terrorismo. Os terroristas religiosos praticam atentados em nome de Deus; já os mercenários recebem dinheiro por suas ações; os nacionalistas agem movidos por um ideal patriótico. Há ainda os ideólogos, que armam bombas motivados por uma determinada visão de mundo. E, muitas vezes, o que se vê é uma mistura de tudo isso com desespero e ódio.

Há também o terrorismo de Estado, que tem o objetivo de eliminar fisicamente minorias étnicas ou opositores a um certo regime. O de apartheid na África do Sul é um exemplo de terrorismo de Estado. Foi organizado pela minoria branca contra a maioria negra do país. (ARBEX, 1997). Outro exemplo pode ser visto no caso de Israel contra os palestinos, que eram cidadãos israelenses ou que viviam, entre 1967 e 1993, nos territórios de Cisjordânia e Gaza. Israel praticava terrorismo de Estado por meio de segregação étnica e cultural. O terrorismo contra judeus de Israel, por sua vez, também aterrorizou e matou pessoas inocentes, principalmente a partir da década de 80. (ARBEX, 1997).

Para Arbex (1997), foi nos anos 70 que o terrorismo atingiu seu auge. Porque era uma época em que os valores tradicionais estavam desmoralizados. A imposição de ditaduras na América Latina, por exemplo, entre meados nos anos 60 e 70, fez com que muitos jovens adotassem soluções contra os generais. “Várias organizações terroristas tiveram como origem grupos guerrilheiros e vice-versa.” (ARBEX, 1997, p. 84).

A guerrilha, em geral, era formada por grupos que realizavam ataques contra objetivos militares e alvos estratégicos. A principal distinção entre guerrilheiros e terroristas é o fato de que os guerrilheiros querem convencer as pessoas, pressupõe um diálogo entre os militantes e a população, enquanto o terror elimina qualquer tipo de conversa, de acordo com Arbex (1997, p. 84), “se colocam numa posição de ‘exemplo a ser seguido’”, além de impor o medo e ficarem à margem da sociedade.

O Hezbollah, por exemplo, foi o primeiro movimento islamista que se definiu primariamente por luta armada contra um ocupante vindo de outra civilização e incompatível, em sua visão, com o islã. (DEMANT, 2004).

Um exemplo de grupo terrorista não islâmico é o Exército Republicano Irlandês (IRA), formado por católicos na Irlanda do Norte, em 1916, com objetivo de unir seu país à República da Irlanda, construindo uma única Irlanda.

(ARBEX, 1997). A Irlanda do Norte pertencia, e ainda pertence, ao Reino Unido. As atividades terroristas do IRA aumentaram quando a minoria católica da Irlanda do Norte intensificou movimentos pacíficos pelos direitos civis, em protesto às leis discriminatórias impostas pela maioria protestante. Cerca de 200 militantes aproveitaram esse momento para relançar o IRA com ideologias esquerdistas. (ARBEX, 1997).

Em 1972, a fase pacífica do movimento acabou de vez quando tropas britânicas dispararam contra manifestantes, resultando em 13 mortes, isso deu ao IRA pretextos para uma violência terrorista. (ARBEX, 1997). “Durante os anos 70, mais de 2 mil pessoas morreram e milhares ficaram feridas em atentados a bomba, patrocinados pelo IRA”, além de em choques de rua e em manifestações reprimidas por tropas britânicas. (ARBEX, 1997, p.88),

Outros grupos e organizações criadas com fins pacíficos ou guerrilheiros acabaram passando para o terrorismo. (ARBEX, 1997).

2. CALEIDOSCÓPIO DO ORIENTE

O presente capítulo trata das diferentes visões do Oriente na história e a contribuição da globalização para a disseminação de idéias ocidentais pelo mundo.

2.1 O Oriente inventado na história

Depois dos atentados de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos, a mídia passou a veicular imagens de violência praticada pelos seguidores do islamismo. Houve uma retomada do assunto pelos meios de comunicação sobre a perspectiva do terror, já que o atentado às Torres Gêmeas colocou a imagem do islã como violenta e culpada pelo fato. A revista *Veja*, por exemplo, publicou exemplares com os seguintes títulos em suas capas: “Guerra ao Terror”, “O Vírus Anti-EUA” e “A Fé Cega e Mortal”, edições de 26 de setembro de 2001, 3 de outubro de 2001, e de 10 de outubro de 2001, respectivamente. Tal repercussão do episódio na revista será objeto de análise no próximo capítulo.

Cabe ressaltar que essa visão de povo violento e fanático que o Ocidente tem em relação aos muçulmanos não começou nos dias de hoje. Edward W. Said (1990), em seu livro sobre o Orientalismo, fala do Oriente como uma invenção do Ocidente, das versões e visões fabricadas pelo ocidental para representar o Oriente. De acordo com Said (1990, p. 16),

“[...] assim como o próprio Ocidente, o Oriente é uma idéia que tem uma história e uma tradição de pensamento, imagística e vocabulário que lhe deram realidade e presença no e para o Ocidente. As duas entidades geográficas, desse modo, apóiam e, em certa medida, refletem uma à outra”.

Tais imagens concebidas sobre o oriental, principalmente do Oriente Médio e próximo, foram construídas e reconstruídas ao longo da história como resultado da relação Oriente e Ocidente, com a colonização e a globalização. A Europa, no início da Idade Média, via o islã como uma forma de vida radicalmente nova e reage de forma conservadora e defensiva. Para o Velho Continente, a nova religião era uma versão fraudulenta do cristianismo. (SAID, 1990). “O Oriente em geral, portanto, vacila entre o desprezo ocidental pelo que é familiar e os seus arrepios de prazer – ou temor - pela novidade” (SAID, 1990, p. 69).

Para Said (1990), esse temor era justificado, porque, após a morte de Maomé, em 632, a hegemonia militar, e mais tarde cultural e religiosa, do islã cresceu. Assim, o islã passou a "simbolizar o terror, a devastação, o demoníaco, as hordas de odiosos bárbaros" (SAID, 1990, p. 69). Alguns escritores cristãos relatavam o que sentiam a respeito dos exércitos orientais. Como exemplo, Said mostra o que Erchembert, clérigo de Monte Cassino no século XI, escreveu a respeito das conquistas islâmicas. Ele comparou os exércitos a um enxame de abelhas que devastava tudo, mas com a mão pesada.

Já a partir do século XVIII, com a invasão do Egito por Napoleão, a imagem do oriente passa de um lugar de obscuridade para a de “um departamento da erudição francesa” (SAID, 1990, p. 92). Depois de Napoleão, a linguagem do orientalismo mudou. O realismo descritivo mudou, transformando-se de estilo de representação para uma linguagem, um meio de criação do orientalista. De acordo com Said (1990, p. 96):

Tornou-se o tipo-modelo de todos os esforços ulteriores para aproximar o Oriente da Europa, para depois absorvê-lo inteiramente e – centralmente importante – cancelar, ou pelo menos baixar o tom e reduzir, a sua estranheza e, no caso do islã, a sua hostilidade. A partir de então o Oriente islâmico apareceria como uma categoria que denotaria o poder dos orientalistas, e não os islamitas como seres humanos nem a história deles como história.

Ao longo da expansão colonial europeia na Ásia e na África - do século XIX até meados do século XX - o Oriente foi reconstruído pelos orientalistas europeus que, durante esse tempo, como por exemplo, Nerval, Flaubert e Lamartine, “mantiveram intacta a separação do Oriente, a sua excentricidade, o seu

atraso, a sua silenciosa indiferença, a sua feminina penetrabilidade, a sua apática maleabilidade [...]”. (SAID, 1990, p. 212). Os que escreveram sobre o Oriente o viam como um lugar que precisava da reconstrução e da redenção ao Ocidente. (SAID, 1990).

No século XIX, o Oriente estava na posição, com relação ao Ocidente, do forasteiro e do sócio menos incorporado. (SAID, 1990). À medida em que os estudiosos ocidentais tivessem consciência dos orientais ou dos movimentos orientais de pensamento e cultura, estes seriam compreendidos ou como sombras silenciosas a serem animadas pelo orientalista, ou como algo necessário para a atividade interpretativa do orientalista, de um homem de vontade cultural. Para Said,

nas discussões sobre o Oriente, este é todo ausência, ao mesmo tempo que sentimos o orientalista e o que ele diz como presença; mas não devemos esquecer que a presença do orientalista é possibilitada pela ausência efetiva do Oriente. Esse fato de substituição e deslocamento, [...] exerce claramente sobre o orientalista uma pressão para reduzir o Oriente em sua obra [...]. (1990, p.215).

Na corrida colonial, no final do século XIX, a consciência europeia do Oriente deixou de ser textual e passou a ser administrativa, econômica e até mesmo militar. O Oriente foi penetrado, trabalhado e apropriado, deixou de ser um espaço estrangeiro para se tornar colonial. (SAID, 1990).

Os ingleses e franceses viam o Oriente, no início do século XX, como uma entidade geográfica, cultural, política, demográfica, sociológica e histórica, cujos destinos eles acreditavam ter um direito tradicional. (SAID, 1990).

O orientalismo transmitia o Oriente ao Ocidente por dois métodos no início do século XX. Um era por meio das capacidades disseminativas da cultura moderna, seus elementos difusores nas profissões cultas, nas universidades, nas sociedades profissionais, nas organizações exploratórias e geográficas, na indústria editorial, tudo criado sobre a autoridade dos estudiosos, poetas e viajantes. (SAID, 1990).

O segundo método resultava de uma importante convergência, o estudioso orientalista tinha que retratar uma civilização ou monumento cultural distante, apreender internamente o objeto difícil de alcançar, interpretar o Oriente

para os seus compatriotas “mas ele continuava fora do Oriente [...] Essa distância cultural, temporal e geográfica era expressada em metáforas”. (SAID, 1990, p. 228).

Durante este período colonial, “o Oriente parecia agora constituir um desafio não só para o Ocidente em geral, mas para o espírito, o conhecimento e o *imperium* do Ocidente” (SAID, 1990, p. 254, grifo do autor). Pois, havia agora a questão da concorrência europeia no Oriente, a questão de tratar com as elites nativas, com os movimentos populares nativos e com as exigências nativas de autogoverno e independência. (SAID, 1990). Assim, segundo Said (1990, p. 254), “essas questões forçavam uma consideração do conhecimento ocidental sobre o Oriente”.

Havia nessa época sinais de reivindicações orientais de independência política. Depois de um bom século de intervenção no Oriente e no estudo dele, o papel do Ocidente em um Oriente que reagia às crises da modernidade parecia mais delicado. (SAID, 1990).

O império muçulmano turco (Otomano) viveu três séculos de expansão, três de estagnação e encolhimento, e teve seu desfecho final após a Primeira Guerra Mundial. (DEMANT, 2004). Com uma restauração de ligações comerciais entre a Europa e a China, os europeus tiveram seu apetite estimulado pelas riquezas e mercados orientais. Segundo Demant (2004, p.59), “quem controlava o mundo muçulmano controlava, por conseqüência, o acesso ao Extremo Oriente”. Os avanços territoriais dos otomanos atrapalhavam o comércio do Ocidente com o Oriente até que os portugueses acharam o caminho marítimo para as Índias, o que acabou prejudicando o comércio egípcio-turco. (DEMANT, 2004).

No século XIX, o declínio otomano criou uma disputa por seus territórios, que opôs as potências europeias umas às outras. A economia otomana não foi capaz de resistir ao comércio capitalista e o império teve que aperfeiçoar o sistema islâmico de tolerância em relação às comunidades não-muçulmanas. (DEMANT, 2004).

A implosão da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) pôs fim ao Império Otomano que se alinhou com a Alemanha e a Áustria. Em 1916, a Revolta Árabe contra os turcos fez com que o xarif⁷ Hussein de Meca, com apoio da Grã Bretanha, conquistasse a Arábia, Palestina e Síria.

⁷ Venerável. DEMANT, Peter. *O Mundo Muçulmano*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 396

2.2 Segunda Guerra e o Oriente

Após a Segunda Guerra Mundial, a França e a Inglaterra já não ocupam mais o centro da política mundial, tendo em seu lugar o império americano, que construirá sua própria representação do Oriente:

Após cada uma das guerras árabe-israelenses, o muçulmano árabe tornou-se uma figura na cultura popular americana, ao mesmo tempo que, no mundo acadêmico, no mundo dos planejadores da política e no mundo dos negócios, muita atenção é dedicada ao árabe. (SAID, 1990, p. 289)

O conhecimento maciço contido no orientalismo europeu foi dissolvido e apresentado em novas formas. “Uma ampla variedade de representações híbridas do Oriente assola hoje a cultura. [...] O islã e os árabes têm suas próprias representações [...]” (SAID, 1990, p. 289) No entanto, depois da guerra de 1973, com o boicote do petróleo feito pelos países árabes que forneciam o produto, o árabe apareceu como algo mais ameaçador para o Ocidente. (SAID, 1990).

Portanto, essas representações do Oriente mudaram com o processo de globalização, que tem como uma de suas características a compressão espaço-tempo, a aceleração dos processos globais, que faz sentir que o mundo é menor e as distâncias mais curtas, faz com que os eventos de um lugar passem a ter impacto em outro distante. (Hall, 2003). “[.] o tempo e o espaço são também coordenadas básicas de todos os sistemas de *representação*” (Hall, 2003, p. 70). Como Stuart Hall (2004, p. 71) afirma:

[...] a moldagem e a remoldagem de relações espaço-tempo no interior de diferentes sistemas de representação têm efeitos profundos sobre a forma como as identidades são localizadas e representadas.

2.3 Ocidentalização e Orientalização do Mundo

As imagens estereotipadas do Oriente que são veiculadas pela mídia seguem os moldes padronizados pelo Ocidente, pois a globalização, como critica Stuart Hall (2003), é um fenômeno eminentemente ocidental. Isso acontece porque “são as imagens, os artefatos, e as identidades da modernidade ocidental, produzidos pelas indústrias culturais das sociedades ‘ocidentais’ (incluindo o Japão) que dominam as redes globais”. (HALL, 2003, p. 79, grifo do autor).

Para Immanuel Wallerstein (1990), a modernização e a ocidentalização são idênticas. Na medida em que um país se ocidentaliza, ele também se moderniza e a cultura ocidental acaba sendo a cultura universal:

Se alguém quisesse ser ‘moderno’, teria de certo modo que ser culturalmente ‘ocidental’. Se não quisesse adotar religiões ocidentais, teria que adotar pelo menos linguagens ocidentais. E se não aceitasse linguagens ocidentais, teria que aceitar pelo menos a tecnologia ocidental, que se dizia estar baseada nos princípios da ciência universal. (WALLERSTEIN, 1990, p.57, grifo do autor).

A globalização, apesar de ser um fenômeno que atravessa fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações, tornando o mundo mais interconectado, é desigualmente distribuída ao redor do globo, tem sua própria “geometria do poder” (HALL, 2003). Kevin Robins fala que:

Embora tenha se projetado a si próprio como trans-histórico e transnacional, como a força transcendente e universalizadora da modernização e da modernidade, o capitalismo global é, na verdade um processo de ocidentalização – a exportação das mercadorias, dos valores, das prioridades, das formas de vida ocidentais. Em um processo de desencontro cultural desigual, as populações “estrangeiras” têm sido compelidas a ser os sujeitos e os subalternos do império ocidental, ao mesmo tempo em que, de forma não menos importante, o Ocidente vê-se face a face com a cultura “alienígena” e “exótica” de seu “Outro”. A globalização, à medida que dissolve barreiras da distância, torna o encontro entre o centro colonial e a periferia colonizada imediato e intenso. (ROBINS, 1991, p. 25 apud HALL, 2003, p. 79).

Porém, apesar da globalização ser um fenômeno assimétrico, não é uma esfera exclusiva das elites, os grupos dispersos podem manter e mantêm sua própria versão de cultura global através da mídia. Ela faz com que os grupos minoritários possam ter vínculos com outros grupos similarmente deslocados em todo o mundo e também com seus países de origem. A mídia de massa fornece acesso global à programação local, tanto na televisão, como no rádio e internet. (SILVERSTONE, 2002).

Para Demant (2004), a rede mundial de computadores funciona tanto como um meio de invasão cultural ocidental, quanto facilita a propaganda e a doutrinação do mundo muçulmano. “O próprio significado das imagens mais universais para uma determinada população procede tanto das experiências históricas e do status social deste grupo como das intenções dos que as forneceram”. (SMITH, 1990, p.193).

O vídeo assume um papel que permite aos imigrantes parentais conservar vínculos com seus países e culturas de origem, faz com que, de algum modo, mantenham contato com a tradição. (SILVERSTONE, 2002). Para Anthony D. Smith (1990, p. 187), “as redes de comunicação possibilitam uma interação mais compacta e mais intensa entre os membros das comunidades que compartilham características culturais comuns”.

As mídias fornecem um espaço para o tráfego global de imagens, idéias e crenças que podem ser compartilhadas, mas um evento compartilhado quando imerge nas culturas nacionais, locais, regionais, étnicas, religiosas, seus significados e sua importância se fragmentam. (SILVERSTONE, 2002). Uma coisa é conseguir acondicionar as imagens e difundi-las por meio das redes mundiais de comunicação, outra é garantir que essas imagens vão manter o poder de impressionar e inspirar populações que estiveram por muito tempo divididas por histórias e culturas particulares. (SMITH, 1990). A mídia que as minorias geram e recebem, a mídia de sua própria cultura e de sua cultura anfitriã, fornece recursos para negociarem suas diferenças, em contextos tanto locais como globais. (SILVERSTONE).

Neste contexto, é interessante citar o caso da TV Al Jazira, que não faz parte da mídia ocidental, não divulga idéias ocidentais, e mostra imagens com os olhos dos que fazem parte de uma sociedade excluída pelo mundo globalizado.

2.4 Combate entre a Al Jazira e CNN

A emissora Al Jazira foi criada em Catar, em 1977, pelo emir⁸ Hamad bin Khalifa al-Thani ao modernizar o país. (DORNELES, 2002). Ela incomodou a CNN na época dos atentados de 11 de setembro nos Estados Unidos, tornando-se uma rival do canal ocidental.

A Al Jazira passou a incomodar com seus primeiros furos jornalísticos, os depoimentos em vídeo de Osama Bin Laden, que eram desconhecidos da opinião pública. A divulgação irritou a Casa Branca: na época, o secretário de Estado Colin Powell pediu que a emissora oriental tivesse moderação. (DORNELES, 2002).

A visão da Al Jazira dos acontecimentos era diferente da mídia do Ocidente, era mais próxima dos acontecimentos que registrava. (DORNELES, 2002). No começo dos ataques ao Afeganistão, enquanto as televisões americanas tiveram que seguir regras impostas pelo governo, de não divulgar imagens de bombardeios, a Al Jazira teve sucesso por divulgar imagens de ataques aéreos. (DORNELES, 2002).

No dia 9 de outubro de 2001, a Al Jazira tinha cenas do ataque norte-americano em Cabul, capital do Afeganistão. (DORNELES, 2002). Esses registros não agradaram os Estados Unidos.

Com o incômodo gerado pelas imagens da guerra, a CNN foi determinada a adotar um equilíbrio entre as imagens de morte de civis com lembretes de que o Talibã abriga terroristas assassinos. (DORNELES, 2002).

No dia 13 de novembro de 2001 a sucursal da emissora em Cabul foi destruída por um míssil disparado pelos americanos. As informações das agências de notícias foram vagas, falando apenas sobre a proximidade da sucursal com os bairros que tinham baterias antiaéreas do Talibã. (DORNELES, 2002).

Cinco dias depois da destruição da sucursal, Al Jazira foi tema de artigo do *New York Times*, que foi reproduzido no Brasil pelo *Estadão* cujo título era “Al-Jazeera ajuda a formentar a revolta islâmica”. (DORNELES, 2002).

⁸ Príncipe ou líder guerreiro; título do califa. DEMANT, Peter. *O Mundo Muçulmano*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 389

3. VEJA O ORIENTE

A perspectiva sob a qual a revista *Veja* abordou o “terror” e as medidas tomadas por George W. Bush no Afeganistão, nas edições cujas capas traziam como manchete principal os atentados de 11 de setembro de 2001, nos Estados Unidos, revelam o posicionamento ideológico da revista. Neste capítulo, iremos analisar parte deste conteúdo para identificar a opinião de *Veja* diante desses fatos, sua visão a respeito do islã, além de verificar se ela leva em conta, nas suas matérias, o contexto histórico da religião para fazer uma cobertura imparcial do ocorrido.

3.1 O terror da *Veja*

A seção *Carta ao Leitor*, da edição do dia 19 de setembro de 2001, deixa clara a posição da revista *Veja* ao falar que o atentado não foi cometido contra as torres gêmeas de Manhattan ou contra o edifício do Pentágono, mas “foi cometido contra um sistema social e econômico que, mesmo longe da perfeição, é o mais justo e livre que a humanidade conseguiu fazer funcionar [...]”; (19/09/2001, p. 9). Neste artigo intitulado “O que incomoda o terror”, a revista afirma, sem ouvir qualquer muçulmano fundamentalista ou estudioso da área, que os “radicais” não toleram a modernidade: “a existência de uma sociedade em que os justos podem viver sem ser incomodados e os pobres têm possibilidades reais de atingir a prosperidade com o fruto de seu trabalho”. (19/09/2001, p. 9). Seu texto adjetiva os “radicais” como “enviados da morte” e seus países de origem como “feudos”.

Assim como na *Carta ao Leitor*, a matéria intitulada “Este mundo nunca mais será o mesmo”, na mesma edição, coloca a visão da revista sobre o porquê da atitude violenta da minoria fundamentalista muçulmana:

A minoria radical, no entanto, tem uma disposição fanática para matar e morrer e se une num ódio incontrolável contra os Estados Unidos, **em sua opinião** um país satânico. **Em sua visão**, atacar o demônio americano garante ao fiel um lugar de honra no paraíso. (19/09/2001, p. 56, grifo nosso).

A revista não entrevistou, nem mostrou nenhum embasamento teórico para provar o que diz sobre a suposta visão da minoria radical sobre os Estados Unidos. Ao mencionar o atentado de 1993, no *World Trade Center*, em que um carro-bomba explodiu no subsolo de uma das torres, *Veja* fala dos autores apenas como “um grupo de egípcios, paquistaneses e palestinos”, não especificando se eram de algum grupo fundamentalista. Mais uma vez, a revista fala pelos autores do crime dizendo que “o objetivo era convencer os Estados Unidos de que estavam em guerra contra o islã”. (19/09/2001, p. 57).

Veja mostra um discurso no qual situa a religião como um complicador, uma vez que destaca o islã como um movimento de oposição aos efeitos da modernidade: “A oposição à globalização já existia como fenômeno ambientalista, de minorias, das ONGs [...]. Agora também deve levar em conta sua **nova complicação**: o Islã como fonte de preocupação”. (19/09/2001, p. 58, grifo nosso). A revista não diferencia a religião islâmica do fundamentalismo islâmico, mostrando uma visão preconceituosa e estereotipada ao dizer que “a turma do turbante” se incomoda com a globalização, um fenômeno que traz a modernidade. O termo “turma do turbante” foi usado em duas edições, na do dia 19 de setembro e do dia 26 de setembro.

Para a revista, o fundamentalismo islâmico é:

a manifestação de uma elite que exerce sobre seus povos uma tirania milenar, baseada na religião e nos costumes imutáveis. [...] O universo dos fundamentalistas é aquele em que se queimam livros, se proíbem filmes e música. As mulheres são cobertas de véus e devem submissão ao poder masculino”.(19/09/2001, p. 58).

Veja tem uma compreensão estreita sobre o mundo islâmico. Fala como se queimar livros, proibir filmes e músicas e submeter as mulheres ao poder masculino fosse uma coisa exclusiva do fundamentalismo islâmico. O pouco conhecimento da revista sobre a religião islâmica pode também ser observado na matéria “O mundo do Islã”, do dia 26 de setembro, quando *Veja* mostra sua tradução para a palavra Islã: “rendição dos infiéis à doutrina de Maomé”.

Sua visão ocidental, americanizada sobre o Oriente, se revela ao dizer que, se o muçulmano é contra a civilização ocidental, “é porque não pode conviver com seus princípios básicos, notadamente a liberdade política e individual”. (19/09/2001, p. 58). Essa afirmação classifica o mundo em livres e dominados, democráticos e antidemocráticos, ocidental e não-ocidental.

O exemplar do dia 10 de outubro traz uma matéria com o título “O que querem os fundamentalistas”, com uma foto em preto-e-branco de homens de capuz, com faca e o Corão na mão. A palavra “fundamentalistas” vinha escrita em vermelho. Nessa matéria, a revista fala da origem do fundamentalismo islâmico, e mostra como exemplo, em um parágrafo, atos fundamentalistas da igreja católica. Porém, essa matéria foi escrita após três edições já publicadas sobre os atentados nos Estados Unidos, os quais *Veja* considerou que foram cometidos contra um sistema de vida e declarou: “esta guerra está apenas começando”. (19/09/2001, p. 58). O fato de ter colocado a matéria falando do fundamentalismo apenas após três edições já publicadas sobre o assunto mostra o desinteresse da *Veja* em divulgar os fatos com imparcialidade.

3.2 Bush e *Veja* combatem o terror

A revista declara previamente o favoritismo norte-americano ao colocar, como manchete, a seguinte fala de George Bush (figura 1) em uma matéria da edição do dia 26 de setembro de 2001: “Ou estão do nosso lado ou do lado dos terroristas”, emitindo uma sentença sobre a opinião pública, como se todos os que não quisessem a guerra tivessem a favor do terrorismo. (26/09/2001, p. 40). Duas páginas dessa matéria são destinadas para o título e o subtítulo, com duas imagens

grandes: de um lado Bush e, do outro, um suposto terrorista. *Veja* tem um olhar positivo sobre Bush e os Estados Unidos e torce pela vitória americana, pois caso o contrário haverá “um absurdo insustentável [...] um Ocidente dominado pelos mulás⁹ islâmicos enlouquecidos pelo poder absoluto exercido por meio do braço armado de seus terroristas suicidas”. (26/09/2001, p. 42). Ela caracteriza o conflito como o Ocidente versus o Oriente. O bem contra o mal. Sendo os Estados Unidos o bem.



Figura 1. *Veja* do dia 26 de setembro de 2001.

Ainda nesta edição, anterior ao conflito no Afeganistão, na matéria “A guerra será suja e longa”, a revista, em certos momentos, indica o que os americanos devem fazer para terem vantagem além de descrever uma possível estratégia americana:

Parece improvável que se repitam contra o Afeganistão operações de bombardeios aéreos pesados, que tanto sucesso fizeram contra a Iugoslávia há dois anos. A devastação e a morte de grande número de civis teria pouca utilidade militar e poderiam provocar indignação internacional, sobretudo nos países de população muçulmana. É mais provável que a guerra comece com uma onda de ataques concentrada sobre acampamentos de treinamento de terroristas e instalações militares do Talibã. Nesse cenário, a ofensiva seria completada por expedições de pequenas unidades de forças especiais, tendo na retaguarda grande contingente de soldados estacionado no vizinho Paquistão e em ex-repúblicas soviéticas fronteiriças. (26/09/2001, p. 47).

Diante da visão de *Veja*, um ataque americano por terra daria aos “milicianos do Talibã” vantagens, por conhecerem o terreno, terem experiência na guerra de guerrilhas e disposição de morrer por Alá. Em seguida, ela julga que,

⁹ Professor ou pregador religioso que pertence aos ulemás, ou seja, aos “sábios” ou “preparados”; camada de especialistas em questões religiosas e jurídicas. DEMANT, Peter. *O Mundo Muçulmano*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 394

apesar disso, “só num conto das mil e uma noites a turma do turbante teria chance real diante da atual determinação dos Estados Unidos”. (26/09/2001, p. 47). A revista utiliza nesta edição a palavra “inimigo” sete vezes ao falar de “terroristas”.

Na maioria das vezes, a revista dá destaque para a tecnologia americana e ao projeto de acabar com o terrorismo. Nesta matéria a revista destaca a tecnologia americana, como podemos observar nas figuras 2 e 3 (abaixo). Ela utiliza fotos de aviões F-16 dos americanos e ao lado integrantes do Talibã em um antigo tanque russo, com a legenda da foto dizendo “[...] alta tecnologia contra guerreiros tribais”. (26/09/2001, p. 45). Na matéria “O cerco ao Afeganistão”, a revista fala da “enorme máquina militar” mobilizada para o ataque, além de dar destaque, com infográficos, ao poder de fogo dos americanos, mostrando os locais de bases americanas, indicadas com a imagem de aviões, além da frota americana de submarinos, porta aviões e cruzadores. As bases do Talibã foram indicadas com imagem de um soldado com arma na mão. Já as informações sobre o armamento não tiveram tanto destaque quanto deram aos armamentos americanos. (26/09/2001, p. 54).



Figura 2 e 3. *Veja* do dia 26 de setembro de 2001.

Quatro páginas da matéria “A ratoeira está armada”, da edição do dia 3 de outubro de 2001, foram utilizadas para mostrar as armas americanas, possíveis estratégias, frotas, comandos, bases americanas, inglesas e anglo-inglesas, sendo que duas páginas foram dedicadas para os navios, porta-aviões e tripulação. Foram utilizadas pelo menos treze fotos do armamento americano, entre aviões, navios, helicópteros e mísseis. A revista não entrevistou nenhuma autoridade afegã ou americana dessa área, como os ministros da defesa de cada

país, por exemplo. Ao descrever as estratégias e a situação dos ataques dos Estados Unidos, utilizou uma entrevista feita pela CNN:

Um oficial do alto comando americano disse à rede CNN que as primeiras escaramuças já foram registradas. Cavernas e refúgios dos guerrilheiros nas montanhas tinham sido escarafunchados. Os comandos não detectaram sinal da presença de Laden nem de outros membros do grupo. (03/10/2001, p. 42).

Veja fala dos Estados Unidos como um país desenvolvido, de liberdade, democracia, enquanto o Afeganistão tem uma imagem cercada pelo atraso, repressão, totalitarismo. A capa da edição de 10 de outubro de 2001, por exemplo, tem como título “Fé cega e mortal”, mostrando a foto de uma mulher muçulmana de burca. A visão de país atrasado que a *Veja* reproduz pode ser vista no título da matéria “Este país já está arrasado”, o subtítulo complementa: “O miserável Afeganistão diante da ameaça de ataque dos EUA: uma história feita de resistência e tragédias, e muito pouco a ser destruído”. (26/09/2001, p. 52). O título de um infográfico também pode ser usado como exemplo: “Veja onde se estão concentrando as forças americanas ao redor do Afeganistão, um país isolado no coração da Ásia Central e dominado pelos fundamentalistas do Talibã”. (26/09/2001, p. 54). Na capa da edição do dia 17 de outubro, o subtítulo “Por que os países islâmicos não conseguem escapar da pobreza”, enseja que a pobreza é consequência de serem países islâmicos.

A revista descreve em tom triunfalista o conflito, como se ele fosse uma disputa entre a tecnologia avançada americana e o atraso afegão. Na matéria intitulada “O míssil e o barbudo”, o texto declara que, “na primeira semana do conflito entre o míssil *Tomahawk* e o fundamentalismo islâmico, os barbudos estavam tomando uma surra”. (17/10/2001, p. 50). Nesta edição a palavra “barbudo” foi usada quatro vezes fazendo parecer que todos os barbudos são fundamentalistas. Ao se referir à pobreza material do “inimigo”, ela fala que “mesmo em terra, numa batalha com armas pessoais, o soldado americano leva vantagem contra um inimigo de Terceiro Mundo.” (17/10/2001, p. 50).

3.3 Veja em defesa dos Estados Unidos

O olhar americanizado e partidário da revista fica mais evidente ao defender os Estados Unidos das manifestações ao redor do mundo, do “vírus anti-EUA”, a “demagogia que transformou a vítima em culpada”. (03/10/2001). Quase todos os títulos de suas matérias e infográficos possuem palavras em vermelho, cor associada ao terror e ao sangue derramados no conflito. Das onze matérias dessa edição, todas trazem a abertura do texto paginadas em fundo preto, com todos os títulos em vermelho. Pode-se observar na figura 4 que a palavra “vírus” no título da matéria está escrita em vermelho sobre uma foto grande de manifestantes no Paquistão pisoteando a bandeira norte-americana. Em seu texto, a revista critica as manifestações contra o ataque ao Afeganistão:

Mal se contaram os mortos nos atentados e já viaja pelo mundo a idéia de que os Estados Unidos foram, em última análise, os causadores da tragédia que se abateu sobre eles. Por mais graves que tenham sido os erros e até os crimes cometidos pelos americanos em sua expansão imperial no decorrer do século que se encerrou, as críticas de que foram alvo em demonstrações pelas capitais do mundo na semana passada eram elas próprias um atentado ao bom senso. (03/10/2001, p. 55).



Figura 4 e 5. *Veja* do dia 3 de outubro de 2001.

Veja fala negativamente das manifestações em Berlim, Nápoles, Atenas, Espanha, entre outros, até do Brasil. Para a revista, no País “os protestos foram mal disfarçados em atos pela paz convocados por partidos de esquerda e

ONGs no Rio de Janeiro e São Paulo”. (03/10/2001, p. 56). Para ela, as manifestações entre os povos árabes e outras etnias que seguem o islamismo são mais compreensíveis do que as que acontecem entre sociedades ocidentais por causa “da aversão aos americanos [...]. A democracia e a modernidade a que se expõem os islâmicos no contato com os Estado Unidos são venenos para as elites locais”. (03/10/2001, p. 56).

Ao mostrar-se contra manifestações em capitais do Ocidente, *Veja* fala que em muitos lugares foi a “união velhaca de raposas da esquerda e da direita, fazendo seu proselitismo”. (03/10/2001, p. 58). Para a revista a “guerra é justa” e aqueles que protestam contra são “mal informados”:

o uso de crianças inocentes, de artistas de cabeça oca e de ingênuos em geral não obscureceu um fato: no estado de embotamento moral propiciado por tal inversão de valores, praticamente desapareceram as manifestações de pesar, como exigiria o mais elementar sentimento de humanidade, pelas mais de 6000 pessoas imoladas na fúria terrorista. (3/10/2001, p. 64).

A revista relembra as vítimas dos atentados, mas não cita nada sobre morte de civis com os ataques americanos, apenas colocou na edição do dia 17 de outubro, uma foto de um afegão ferido, com a legenda intitulada “Mentira para fugir”, explicando que ele “[...] entrou no Paquistão dizendo ser vítima de ataque americano. Descobriu-se depois que só queria deixar o país: ferimentos foram causados por uma das 10 milhões de minas enterradas no Afeganistão.” (17/10/2001, p. 50).

Ela mostra vítimas de minas terrestres com pernas amputadas e a foto de um bebê desnutrido. As imagens de feridos e da pobreza publicadas pela revista são usadas para adjetivar o Afeganistão como uma “terra arrasada”. (26/09/2001, p. 58).

CONCLUSÃO

A cobertura da revista *Veja* dos atentados do dia 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos, e dos preparativos para o ataque ao Afeganistão, atribui imagens de atraso, tribalismo, crueldade, radicalismo, antiocidentalismo aos seguidores do Islã, ao Talibã, ao Afeganistão, à Osama Bin Laden, enquanto os Estados Unidos, seu exército e Bush são descritos e mostrados como força, desenvolvimento, democracia, justiça e liberdade. A religião islâmica, portanto, também foi apresentada nas matérias como sinônimo de atraso, de oposição à democracia e liberdade, um problema para a globalização, um lugar que abriga terroristas.

Ao analisar o conteúdo da revista semanal, percebem-se ideologias. O periódico defende claramente a guerra contra o terrorismo, caracterizando Osama Bin Laden como o “profeta do terror”, e Bush e os Estados Unidos como vítimas das manifestações populares contra a guerra. Sua visão a favor da guerra é percebida em matérias com muitos infográficos, assim como no título das matérias. Ela chega a falar das conseqüências, caso não haja vitória do Ocidente contra o “terror”: a única alternativa seria “vencer ou vencer”.

A revista fala do Islã como um problema para a globalização, como uma religião atrasada, que reprime e que dificulta o desenvolvimento dos países de maioria muçulmana. Mostra o islamismo como uma religião homogênea, não dá destaque para sua história, que resultou em vários seguimentos. Quando a revista dedicava alguma matéria para falar sobre o Oriente, os temas eram relacionados à pobreza, repressão, violência, aos países que têm alguma ramificação da Al Qaeda, à política e aos protestos contra os EUA. Já as matérias dedicadas aos Estados Unidos possuíam títulos com voz de combate e davam valor para as técnicas de combate, as armas, quantidade de bases, além de vibrar com o resultado dos ataques americanos e menosprezar o “inimigo”.

Veja se declara, na seção *Carta ao Leitor* do dia 26 de setembro, um “porto seguro para o leitor”, vibrando com os mais de 400 mil exemplares vendidos nas bancas, que somados com o número de assinantes, ultrapassaram a casa de 1,3 milhão de exemplares vendidos na edição do dia 19 de setembro.

O periódico não conseguiu se desvincular do patriotismo norte-americano, da força econômica, do poder político. *Veja* pareceu cúmplice, e ao mesmo tempo omissa em sua cobertura, por não revelar as conseqüências da guerra para o Afeganistão, mas somente defender os mortos nos atentados de 11 de setembro de 2001, decretando a culpa do Islã. A guerra foi simplificada aos olhos da revista, mostrando-a apenas como um confronto entre o bem e o mal.

Seu papel era informar com imparcialidade, mas acabou tomando partido, impondo sua visão. Fica claro na análise das matérias e das capas de *Veja* que, mais do que o grupo de muçulmanos, fundamentalista é a postura da revista.

REFERÊNCIAS

ARBEX, José Jr. **Guerra Fria: terror de estado, política e cultura**. São Paulo: Moderna, 1997.

ARMSTRONG, Karen. **O Islã**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

DEMANT, Peter. **O Mundo Muçulmano**. São Paulo: Contexto, 2004.

DORNELLES, Carlos. **Deus é inocente: a imprensa, não**. São Paulo: Globo, 2003.

FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa da. Análise de Conteúdo. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas S.A., 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia Das Letras, 1990.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2002.

SMITH, Anthony D..Para uma cultura global. In: FEATHERSTONE, Mike (Org.). **Cultura global: Nacionalismo, globalização e modernidade**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1990.p. 183-205.

WALLERSTEIN, Immanuel. A cultura como campo de batalha ideológico do sistema mundial moderno. In: FEATHERSTONE, Mike (Org.). **Cultura global: Nacionalismo, globalização e modernidade**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1990. p. 41-67.

VEJA. São Paulo: Abril S.A. 19 set. 2001.

VEJA. São Paulo: Abril S.A. 26 set. 2001.

VEJA. São Paulo: Abril S.A. 3 out. 2001.

VEJA. São Paulo: Abril S.A. 10 out. 2001.

VEJA. São Paulo: Abril S.A. 17 out. 2001.